

Relações de trabalho e gênero no design têxtil e de moda

Work and gender relations in textile and fashion design

Ana Julia Melo Almeida¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3265-8275>

Francisca Nogueira Mendes²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1098-5953>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i47.2160>

As práticas que emergem deste dossiê intitulado “Relações de trabalho e gênero no design têxtil e de moda” retratam as materialidades têxteis a partir da expansão de suas abordagens e possibilidades de investigação, considerando desde a atividade de trabalho em si até a perspectiva historiográfica dos registros e das memórias que compõem as elaborações por meio da prática de tecer no Brasil. Os artigos se voltam à compreensão das relações sociais presentes nessa produção, em abordagens interseccionais, e apresentam reflexões que analisam as dinâmicas de trabalho e de gênero situadas nos processos artísticos e produtivos. Há também um direcionamento para os espaços de ensino e profissionalização voltados às práticas têxteis, sejam elas artesanais ou industriais, que compõem a transmissão de técnicas e conhecimentos por meio de uma pluralidade de grupos profissionais, localizados em diferentes contextos geográficos.

As imagens que compõem este número da revista retratam o trabalho do artista cearense Alexandre Heberte. Sua produção artística revela não apenas a materialidade e os processos envolvidos no ato de construir artefatos têxteis, mas também os percursos de formação, os espaços de trabalho e os circuitos de exposição. Há no deslocamento do artista de Juazeiro do Norte, seu local de origem, para São Paulo, cidade em que decidiu se estabelecer e produzir, uma trama de relações que se reconfigura em meio aos trânsitos, em uma circulação de ideias, objetos e práticas.

O primeiro texto do dossiê, intitulado “O ensino têxtil no Sesc Pompeia: situando as trajetórias de Tiyoko Tomikawa, Ana Cordeiro e Mara Doratiotto”, escrito por João Victor Brito dos Santos Carvalho e Lara Leite Barbosa, analisa três trajetórias relacionadas ao ensino têxtil nas oficinas do Sesc Pompeia. Os percursos das três artistas são apresentados de

1 Doutora em Design pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutoranda no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. E-mail: ajuliamalmeida@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5419842931549154>

2 Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: franciscarnmendes@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6279132644504627>

maneira cruzada, com o intuito de situá-las em um panorama mais amplo na cidade de São Paulo ao longo das décadas de 1970 e 1980. Há ainda a discussão em torno das categorias associadas aos objetos têxteis, em um diálogo entre os campos da arte, do design e do artesanato.

Os textos seguintes abordam as atividades presentes no fazer têxtil por meio da costura, a partir de uma rede de iniciativas e profissionais, situando esse ofício como um trabalho socialmente atrelado às mulheres em uma perspectiva social e histórica. A atividade da costura assume um papel de transformação social, onde as relações entre trabalho e gênero são o fio condutor das interações dessas mulheres no Brasil. O artigo “Costurar invisibilidades: gênero, trabalho e prestígio na história da moda”, de Maria Paula Guimarães, trata as diferenças de gênero presentes na interpretação subjetiva incorporada nas denominações “costureiro” e “costureira”, a partir de uma abordagem histórica e sociocultural da moda. A análise busca compreender como tais designações, embora indiquem funções semelhantes no ato de confeccionar roupas, foram historicamente carregadas de valores simbólicos distintos, que conferiram prestígio e reconhecimento diferenciados a homens e mulheres no campo da moda.

Em “Costurando sonhos nos entrelaçamentos da profissionalização, da rede de cuidado e do upcycling de resíduos têxteis pós-consumo”, escrito por Lucilene Mizue Hidaka, há uma reflexão sobre a atuação do Instituto Costurando Sonhos como um espaço de profissionalização de costureiras na comunidade de Paraisópolis, situada na Zona Sul da cidade de São Paulo. O artigo entrelaça práticas de upcycling têxtil e a constituição de redes de cuidado comunitário. Já o artigo “Fui começando aos poucos, até chegar ao topo que eu já estou’: a moda e a emancipação feminina presentes no discurso das mulheres atuantes no polo de confecções do Agreste de Pernambuco sob o prisma do trabalho e da análise do discurso”, de Maria Teresa Lopes e Dionísio Tito de Barros Neto, analisa a produção de um grupo de nove mulheres que atua no setor de confecção. A condução da pesquisa é realizada por meio do mapeamento de três dinâmicas centrais, moda, trabalho e emancipação, que aparecem no discurso mobilizado por essas mulheres e revelam dinâmicas de trabalho, configurando uma ambivalência entre vulnerabilidade social e autonomia financeira.

Ainda nesse primeiro eixo, em “Mulheres do Sul Global: empoderamento de mulheres refugiadas por meio da costura no Rio de Janeiro”, escrito por Bárbara de Oliveira e Rita Maria de Souza Couto, são apresentados grupos que praticam atividades de costura e artesanato no Rio de Janeiro, promovendo trabalho e gerando renda para mulheres refugiadas na cidade. A análise mostra como a violência e os abusos domésticos foram umas das causas do refúgio das costureiras integrantes do projeto. O artigo evidencia como costurar pode ser um ato colaborativo, responsável, ético, político e, acima de tudo, transformador.

Na sequência, em um segundo eixo, a produção têxtil é analisada por meio de suas atividades e agentes em direção a um contexto político e social mais amplo, considerando materialidades para corpos diversos, processos de constituição de acervos na área têxtil, além de perspectivas que articulam memórias e territórios. No texto “Crepagem como técnica inclusiva de modelagem para corpos trans: relato de experiência no ensino de moda e economia criativa”, os autores Macivaldo Santana dos Santos e Lucas da Rosa relatam a concepção, o planejamento e a execução de um curso livre de modelagem inclusiva de vestuário

voltado a pessoas trans, travestis, não binários e *drag queens*. Ao explorar a crepagem como estratégia pedagógica, o estudo demonstra a técnica como uma ferramenta de aprendizagem baseada na experimentação material e na relação direta com o corpo.

Já do ponto de vista dos processos de fabricação digital, o artigo “Patrimônio Têxtil e Fabricação Digital: A Coleção de rendas Lucy Niemeyer na aplicação de novas superfícies têxteis pela gravação a laser e impressão 3D”, de Anerose Perini, Rafael Reche Tavares e Luis Henrique Alves Cândido, analisa a relação entre produtos de vestuário e memória afetiva. Por meio de uma reflexão sobre moda e patrimônio, o artigo contextualiza a doação de uma coleção de rendas de Lucy Niemeyer ao acervo do Museu de Moda e Têxtil da UFRGS e reflete sobre possíveis desafios tanto na elaboração de um acervo digital quanto na utilização das peças digitalizadas para novas pesquisas em torno de materiais têxteis.

Tratando das transformações históricas, o artigo “Da tradição à contemporaneidade na alfaiataria: costurando memórias e territórios”, escrito por Bárbara Toffanetto e Rachel de Sousa Vianna, propõe uma reflexão sobre a alfaiataria como campo de produção de saberes e identidades. A pesquisa se debruça sobre a experiência de Bárbara Toffanetto como alfaiate e artista para traçar um paralelo entre o ofício em Londres, na Inglaterra, e em Belo Horizonte, no Brasil. O estudo examina como as técnicas e relações de trabalho revelam dinâmicas de gênero e destaca a presença de mulheres na alfaiataria tem contribuído para ressignificar modos de fazer, relações de trabalho e imaginários associados ao ofício.

Por fim, em um último eixo, os artigos apresentam análises em torno de um pensamento político e historiográfico para recompor narrativas muitas vezes invisibilizadas nas atividades têxteis. Em “Tecendo ausências: corpos negros, práticas têxteis e o silêncio das narrativas no design e na moda”, de Felipe Guimarães Fleury, há uma análise de práticas têxteis elaboradas por pessoas negras, considerando o tecido como um arquivo político permeado por ausências, que são consideradas como um território de memória e resistência. Neste percurso, a reflexão construída a partir dessas trajetórias é posicionar o fazer têxtil como espaço de produção de conhecimento, ampliando narrativas e referenciais teóricos mobilizados no campo do design de moda. Partindo para uma crítica feminista, o artigo “O design feminista e a arte de mulheres negras de Porto Alegre”, de Maria Clara Aquino e Hallana da Rosa Vitória, investiga o processo criativo de mulheres negras artistas de Porto Alegre. A contribuição dessas artistas para o campo do design não se limita à crítica das estruturas excludentes, mas também oferecem caminhos concretos para uma prática projetual transformadora, ancorada na experiência vivida e na valorização de saberes situados. Em um cenário no qual a exclusão ainda marca profundamente o campo das artes e do design, este estudo evidencia a importância de escutar, registrar e legitimar as práticas de mulheres negras artistas.

Dessa maneira, este dossiê reúne pesquisas em torno das práticas têxteis em um sentido ampliado, conjugando diferentes áreas do conhecimento (como artes aplicadas, artes visuais, design têxtil, design de moda e artesanato), com o intuito de ampliar o olhar para mais agentes que participam das dinâmicas de trabalho presentes na produção dos objetos têxteis e de moda. Para nós, há um espaço de formação e de trabalho permeado por diferentes marcadores sociais e estruturado a partir de um conjunto de ofícios, conhecimentos, localidades e pessoas que participam da elaboração dos artefatos têxteis.